



Câmara Municipal de Aracruz

ESTADO DO ESPIRITO SANTO

DECLARA A BANDA DE TAMBOR TUPINIKIM DE CAIEIRAS VELHA, DA ALDEIA INDÍGENA TUPINIKIM CAIEIRAS VELHA DE ARACRUZ, COMO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO-CULTURAL IMATERIAL DO MUNICÍPIO DE ARACRUZ.

O PREFEITO MUNICIPAL DE ARACRUZ, ESTADO DO ESPIRITO SANTO; FAÇO SABER QUE A CÂMARA MUNICIPAL APROVOU E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º Fica declarada a Banda de Tambor Tupinikim, da aldeias indígena tupinikim Caieiras Velha de Aracruz, como patrimônio artístico-cultural imaterial do Município de Aracruz.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Câmara Municipal de Aracruz, 22 de novembro de 2023.

Wilson Jaguareté

Vereador PT – Vice presidente Câmara Municipal de Aracruz.





Câmara Municipal de Aracruz

ESTADO DO ESPIRITO SANTO

JUSTIFICATIVA

Segundo as pesquisadoras Kalna Mareto Teao e Klítia Loureiro em seu livro “História dos índios do Espírito Santo” o “Congo” das aldeias indígenas de Aracruz é resultado das relações interculturais estabelecida entre os Tupinikim e os negros, e foram os negros que “tomaram emprestado” o costume do som do Congo. Essa manifestação estética em forma de dança, associada aos índios de Nova Almeida e Santa Cruz pode ser encontrada nas crônicas do fim do século XIX. François Biard, um naturalista e pintor francês que viajou pelo Brasil entre 1858 e 1859, em sua passagem pela Vila de Santa Cruz, registrou o seguinte:

“Fiquei acordado a noite inteira. De manhã fiquei sabendo que era uma festa de São Benedito, muito venerado pelos índios. Eles se preparam para a festa com seis meses de antecedência e guardam a lembrança dela seis meses depois. A partir do momento em que começa a tocar, o tambor não pára nem de noite nem de dia. No dia da festa, fui com meu hospedeiro nos divertir vendo a cerimônia, que se realiza numa pequena aldeia que se chamada, creio, Destacamento. Em cada cabana que entrávamos estavam bebendo Cauim e cachaça; não cantavam, gritavam.” (In Elton, Elmo. São Benedito, sua devoção no Espírito Santo. Vitória, Dep Estadual de Cultura. 1988, p. 68-9)

Já em 1860 é Dom Pedro II que registra algumas informações sobre o Congo:

“A casa onde estou está muito bem arranjada. Os índios vieram tocar e dançar e depois apareceu um capitão-mor como o Biard, e um são beneditozinho dentro de uma caixa, que um dava a beijar servindo para outro dumbela um chapéu de sol... os índios tocavam também com as mãos e tambores de toros escavados com peles de um lado, e chocalhavam um cestinho cheio de pedrinhas. A dança parece que é um bendengue dos negros, assim como a música o batuque do engenho. Os caboclos ainda têm algumas feições características da raça que é o Tupi... Notei que só dançam os índios de alguma idade. O São Benedito corre quinze dias antes da festa e quinze dias depois, embriagam-se.” (In Elton, Elmo. São Benedito, sua devoção no Espírito Santo. Vitória, Dep Estadual de Cultura. 1988, p. 68-9)

De acordo com Silva (2000) é possível que a dança dos índios tivesse outro nome. Mas certo é que logo após a virada do século XIX em Caieiras Velha acostumou-se a dar nome de Congo ou Festa de Tambor a suas manifestações públicas, transfiguradas pela situação de contato entre negros e índios.

Já no século XX, Guilherme Santos Neves em sua obra “Bandas de Congo” (1980) distinguiu entre as várias bandas de congos os figurantes da banda de Caieiras Velha, composta por descendentes dos índios que a constituíram no século XIX. De acordo com o pesquisador as festas aconteciam nos dias de São Benedito, Santa Catarina, São Sebastião e Nossa Senhora da Conceição, durando de dois a três dias: os índios tiravam o mastro da mata, e o Capitão de Tambor, todo ornamentado, usando bastão e cocar, comandava a Banda, saindo a convocar os índios para a dança, de casa em casa. Na ocasião, as índias preparavam a coaba, enquanto os índios empregavam como instrumento de percussão a casaca (reco-reco antropomorfo) e o tambor feito de madeira oca, recoberto de couro.

Esses rituais ocorriam em Caieiras Velha, Pau-Brasil e Comboios, havendo intercambio entre as duas primeiras, quando os índios atravessavam as matas atrás das festividades. Nessa época o Capitão





Câmara Municipal de Aracruz

ESTADO DO ESPIRITO SANTO

de Tambor detinha prestígio era também reconhecido como curandeiro (rezador) pelos demais índios. Apenas o Capitão de Tambor tinha ascendência sobre as famílias de uma aldeia, se responsabilizando pela reprodução das tradições culturais entre os índios.

Como exposto nos textos das historiadoras, o Capitão da Banda de Tambor é imprescindível para a reprodução das tradições culturais entre os indígenas. Atualmente o Capitão da Banda de Tambor da aldeia Caieiras Velha é o Senhor Olindo Sezenando, indígena tupinikim atualmente com 73 anos e o responsável pela manutenção dessa tradição.

Em entrevista feita por minha assessoria ao Senhor Olindo Sezenando, ele relatou os Capitães anteriores ao qual ele se recorda: Seu Pai, Alexandre Sezenando, de quem recebeu o título de capitão, antes do Senhor Alexandre, o Senhor Manuel Sezenando, o Senhor Manuel Francisco e o Senhor Leopoldino Benedito (o mais antigo que o Senhor Olindo se recorda). Segundo Seu Olindo todos os capitães viveram muito, aproximadamente 100 anos.

Senhor Olindo conta que os relatos da existência da Banda de Tambor são de 250 anos, mas segundo ele, a Banda de Tambor existe há mais de 600 anos. Durante entrevista, Seu Olindo lamentou muito o preconceito atual, inclusive entre os indígenas, que confundem a Banda de Tambor com rituais de religiões afro-brasileiras, e o desinteresse dos mais novos em respeitar e aprender a originalidade das letras e dos toques.

Relatou ainda as particularidades que distinguem a Banda de Tambor das Bandas de Congo: “a batida do tambor é diferente, o tambor é feito de pau oco e recoberto com pele de boi e as casacas são confeccionadas com rostos indígenas com cocar”. Segundo seu Olindo, as apresentações da Banda de Tambor e da Banda de Congo não são compatíveis de serem feitas juntas, pois o toque do tambor os diferencia. Ainda sobre esse ritmo diferenciado, Senhor Olindo lamenta que as atuais gerações tenham perdido a originalidade do toque: “a batida parece batida de cavalo tomando banho”. Senhor Olindo relata a existência de pelo menos trinta cantos e segundo ele “o nosso tambor é do espírito, é da alma, pra nos alegrar, pra festa, pra guerra, para cada ocasião temos um canto.”

Sendo assim, reconhecendo a importância da banda de tambor tupinikim de Caieiras Velha na composição étnica de nosso município e com estes argumentos que considero suficientes para justificar a importância da proposta legislativa em apreço, minha expectativa é de que o digno Parlamento Aracruzense lhe dê boa acolhida.

Câmara Municipal de Aracruz, 22 de novembro de 2023.

Wilson Jaguareté

Vereador PT – 2º Secretário Mesa Diretora
Câmara Municipal de Aracruz



PROTOCOLO DE ASSINATURA(S)

O documento acima foi assinado eletronicamente e pode ser acessado no endereço <https://aracruz.camarasempapel.com.br/autenticidade> utilizando o identificador 330034003500320033003A005000

Assinado eletronicamente por **VILSON JAGUARETE** em 22/11/2023 13:47

Checksum: **0071EB326922F435A564974FD132614710D66F8742B8CAB170B0FE947F90D8EF**

